

JOSÉ LUIZ DE SOUSA NETO

CIRCUITO DE CURA

NAS PROFUNDIDADES DA ALMA



EDITORA
CEC BRASIL

CONSELHO EDITORIAL

CEC BRASIL



A organização CEC Brasil comprometeu-se a levar a mensagem da Cabala Cristã aos cristãos, tendo em vista a necessidade identificada de transmitir os princípios básicos da espiritualidade, com o objetivo de promover o crescimento qualitativo das comunidades cristãs.

Nesse sentido, esta obra vem contribuir com essa missão, uma vez que foi teologicamente avaliada e consegue transmitir de forma clara a mensagem, estabelecendo a devida ponte entre os ensinamentos concedidos aos patriarcas e aqueles legados por Jesus Cristo.

Sentimo-nos, portanto, honrados e felizes em poder colaborar nessa missão de anunciar a verdadeira mensagem de salvação.

CIRCUITO DE CURA

Nas profundidades da Alma

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida - em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. - nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

Copyright © 2025 by Editora CEC Brasil. Copyright © 2025 by José Luiz de Sousa Neto.

www.conselhocec.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sousa Neto, José Luiz de.

Circuito de Cura – Nas profundidades da Alma / José Luiz de Sousa Neto. VITÓRIA - Espírito Santo: Editora CEC Brasil, 2025.

ISBN 978-65-01-81228-1

1. Cabala. 2. Espiritualidade. 3. Cristianismo. I. Título.



Introdução

O livro “Circuito de Cura” propõe uma jornada de seis semanas destinada a contribuir para a cura da alma, abordando aspectos essenciais para um despertar interior, incluindo conteúdos da Psicanálise, Cabala e Medicina. Essa prática de seis semanas deve ser repetida ao longo de vários meses — ou até anos — até que se percebam melhorias significativas na relação consigo mesma, pelo que ela incluirá uma abordagem prática de estímulo aos cinco sentidos e também uma abordagem teórica.

Os desafios que enfrentamos atualmente, especialmente no contexto brasileiro, precisam ser tratados com clareza e sem negação. Assim como ocorre em países emergentes, como a Índia, o Brasil convive com dificuldades econômicas e sociais que desafiam a lógica humana e que, portanto, se relacionam a índices mais elevados de agressões físicas, assassinatos e feminicídios. Como consequência do menor poder aquisitivo, muitas pessoas têm acesso limitado a materiais de estudo, terapias e orientações profissionais, o que contribui para a ampliação de problemas sociais graves. O sistema de saúde, por sua vez, permanece fragmentado, pouco preventivo e desprovido de uma abordagem holística. Raramente há integração entre médicos, psicólogos e psicanalistas; diante de questões complexas, a resposta costuma se resumir à prescrição de medicamentos.

Além disso, muitas das religiões predominantes são lideradas por pessoas que vieram de contextos familiares fragilizados e que, muitas vezes, não dispõem da sensibilidade necessária para lidar consigo mesmas, disseminando uma cultura de “aniquilação do eu autêntico”. Suas mensagens direcionam o olhar para o externo, perpetuando o mal-estar e enfraquecendo ainda mais a estrutura psicossomática dos seguidores. Em muitos casos, esses líderes não possuem formação adequada para lidar com pessoas — e quando possuem, ela é insuficiente. Nesse sentido, estimulam a ideia de uma ação “diabólica” em relação aos comportamentos sociais advindos do inconsciente não assimilado, pelo fato de não terem o conhecimento necessário para lidar com a questão.

Vivemos em uma era capaz de enviar naves e sondas a planetas distantes, mas ainda encontramos enorme dificuldade em mergulhar nas profundezas da própria alma. Se tivéssemos avançado nesse sentido, é certo que assistíssemos a uma redução gradual das guerras e das mortes de inocentes. Contudo, o que observamos é o oposto: um aumento da violência, da hostilidade e da cultura de beligerância. Quanto mais nos afastamos do que existe dentro de nós, mais nos desumanizamos, buscando justificativas externas para sustentar nossa agressividade.

O conceito de cuidar é o que mais se aproxima da ideia de cura para a psicanálise, nesse sentido, a cura não é o esquecimento do que aconteceu, mas a resignificação da cena aonde o sujeito se aprisionou na infância. A cura ocorre quando o sujeito muda sua posição frente ao desejo, pelo que a sua história ainda é a mesma, mas a sua visão como personagem se alterou e portanto a cena do roteiro foi desmontada. Agora já não esperamos o cuidado externo, mas ao nos cuidarmos internamente, podemos acessar a cura interior!

Os grandes líderes que verdadeiramente promoveram a paz — como Nelson Mandela, Mahatma Gandhi e Desmond Tutu — dedicaram décadas a um profundo olhar interior

para a cura de suas almas. Quando sabemos quem realmente somos, não nos deixamos aprisionar por condições externas nem somos consumidos pela necessidade de defender nossos ideais de forma reativa. Ao nos conectarmos conosco, deixamos de ser determinados pelo que acontece fora. Quando reconhecemos nossa própria essência, nossa maior força passa a ser a nossa humanidade.

Bem-vindo ao Circuito de Cura: A Cura Espiritual, a Cura Emocional e a Cura Física!

Semana 1: Removendo a Culpa e Liberando Perdão

Prepare um ambiente calmo e silencioso, na qual possa estar sozinho durante pelo menos 2 horas por dia durante essa semana.

Iremos aplicar as seguintes técnicas:

Utilização de Óleo essencial para ser colocado no Difusor: Bergamota. Estimula o sentido do olfato.

Meditação com Áudio: Youtube – Canal Meditative Mind: 396hz – Marimba Mediation Music: 110 minutos por dia. *Caso necessário, baixe o vídeo e o áudio para não se interrompido por propagandas.* Estimula ao sentido da audição.

Meditação Visual: 10 minutos por dia focado visualmente nas letras hebraicas que representam o nome de Deus 51 (72 nomes de Deus) – estimulando o sentido da visão:



Prática: Coloque água no copo e diga próxima a ela a palavra “perdão” e tome esta de olhos fechados, sentindo o sabor da água entrando pelo seu corpo. Estimulando o campo energético e o sentido do paladar.

Ensino Teórico:

Quando falamos de culpa, tratamos de algo muito complexo, pois ela se localiza em uma dimensão profunda da alma humana. É o resultado da interação de diversos fatores provenientes da história de vida de uma pessoa, de modo que, ao adquirir uma espiritualidade verdadeira, a culpa pode ser transformada em responsabilidade. Observemos que a culpa possui um caráter passivo, enquanto a responsabilidade tem uma natureza ativa. Quando o indivíduo está no controle de si mesmo, ele pode

responsabilizar-se por seus atos, aprendendo e crescendo como ser humano; no entanto, quando se coloca na posição de vítima, sente culpa — algo que não agrega conhecimento ou aprendizado, mas o mantém refém de si mesmo. Alguém que carrega culpa parece, à primeira vista, uma espécie de “vítima injusta do universo”, como se a responsabilidade por tudo viesse dos pais, da família, da sociedade ou de Deus. A culpa não é apenas um estado da alma: ela se torna uma frequência e energia vibratória. Geralmente, quem sente culpa também julga o outro com facilidade, já que são padrões vibratórios muito semelhantes, inclusive capazes de bloquear os chakras (centros de energia do corpo), como veremos mais adiante.

Ao analisarmos nossa constituição psíquica (alma), percebemos que ela possui três camadas: a primeira é o superego (externa), a segunda é o ego (intermediária) e a terceira é o id (a mais profunda). Trata-se de um tema técnico da psicanálise, de difícil compreensão, mas tentaremos explicá-lo de forma simples, de modo que qualquer pessoa possa entendê-lo, já que essa compreensão é fundamental para uma transformação interior. Essas camadas são como as de um iceberg: o superego corresponde ao que provém do externo (do outro humano), sendo a parte visível, isto é, aquilo que se apresenta como regra, norma, moral (certo ou errado) ou lei. A segunda camada é o Ego, que resulta da interação entre o Superego e o Id, mantendo o sistema psíquico em estabilidade. Por fim, o Id é a camada mais profunda do inconsciente humano, acessível apenas por meio de mecanismos específicos, como sonhos, discurso, atos falhos e chistes, conforme ensina Freud. Assim, as regras, leis e interditos (os “nãos”) que recebemos dos nossos pais formam essa camada externa, podendo ser chamada de “lei”, conforme ensina Lacan, constituindo um elemento simbólico que delinea a possibilidade da castração (corte), ou seja, a separação do indivíduo de sua genitora (mãe).

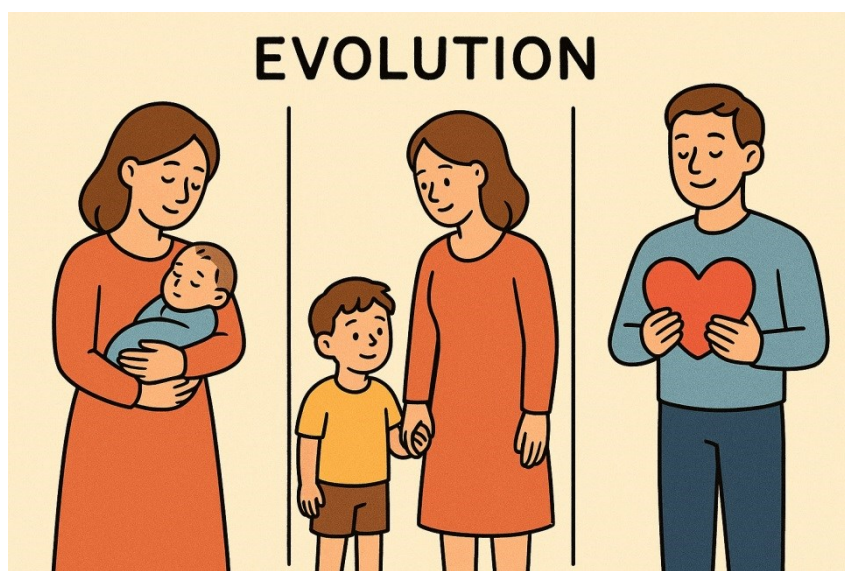
Para que um sistema psíquico funcione bem, é necessário que haja amparo em forma de amor, permitindo que o indivíduo consiga trazer ordem para dentro de si. Caso isso não ocorra, permanecerá em desordem interna, percebendo também um mundo externo caótico, o que prejudica sua relação consigo mesmo e com o outro, inclusive com Deus, afetando sua espiritualidade. Para o bebê, a ordem significa o acolhimento de todos os seus desejos, algo possível quando ele se percebe como desejado pelo outro. Além disso, quando existe amor por parte dos pais, há um interdito que não destrói o eu autêntico: fica claro que determinado comportamento não é aceitável, mas o ser humano é aceito. Caso contrário, ao ser interditado sem amor, o indivíduo passa a assumir, inconscientemente, a ideia de que há algo errado consigo ou de que ele próprio é um problema, formando uma condição interna destrutiva ao seu eu autêntico.

Assim pode ser ilustrado a formação da psique humana:



O processo de desenvolvimento humano ocorre em três etapas. Na primeira fase, entendemo-nos como parte de outro ser humano; na segunda, percebemo-nos como separados, porém dependentes; na última, conseguimos compreender-nos como seres psiquicamente e emocionalmente autônomos. A grande questão é que, diante da crescente falta de amor na sociedade, muitas pessoas têm permanecido na segunda fase de evolução. Embora trabalhem e se sustentem financeiramente, não conseguem sustentar-se psiquicamente. Isso resulta em dependência emocional, carência afetiva, medo de julgamentos e críticas, além da incapacidade de estabelecer um bom relacionamento consigo mesmas e com os outros. Somente conseguiremos nos relacionar bem com o outro quando mantivermos um bom relacionamento interno. Assim, uma estabilidade psíquica interior é fundamental para sustentar todos os nossos compromissos sociais e externos. Muitos buscam a estabilidade financeira para serem desejados pelo outro, nesse sentido, buscam ter para que outros possam lhes dar o amor “externo”, no entanto, tal dinâmica é insustentável. Ao mesmo tempo, aqueles que possuem amor interno, irão desejar compartilhar a luz do criador, nesse sentido, não aceitarão não se esforçar para entregar algo de valor a sociedade. Então o trabalho pode revelar a dimensão de alma da pessoa, no entanto, em um movimento de dentro para fora e não de fora para dentro.

O que estou tentando ensinar de maneira simples — ainda que este seja um dos assuntos mais complexos da humanidade, sendo que até hoje muitos dos problemas sociais decorrem justamente da falta de compreensão deste tema — é que nem todos se tornam humanos em plenitude. Assim como animais, plantas e a natureza possuem evolução e ciclos de desenvolvimento, o ser humano também possui; porém, nem todos chegam a tornar-se verdadeiramente humanos, embora todos tenham a potencialidade para isso. Isso significa que, em um primeiro momento, todos nós partimos de uma concepção de unidade com nossa genitora. Ainda que muitos não tenham sido criados pela mãe sequer por um dia, fomos gerados no útero materno, e assim já experimentamos uma noção inicial de unidade com a genitora.



Quando falamos de amor humano, estamos nos referindo a um estado de integração. Muitos pais geram seus filhos estando desintegrados internamente, carregando uma criança interior que ainda não foi curada; ainda assim, colocam filhos no mundo e não conseguem oferecer a eles apoio emocional, afeto e desejo. Muitos filhos vêm ao mundo sem terem sido desejados, e grande parte dos pais nem sequer sabe que isso é um erro grave, permanecendo em um estado de inconsciência, visto que não podem desejar algo se não são seres desejantes. Somente é possível desejar um filho quando o sujeito reconhece seus próprios desejos. Ao falar de desejar um filho, não nos referimos apenas ao planejamento, embora geralmente quem deseja de fato um filho acabe planejando a sua chegada — o que não é uma regra. O que queremos tratar aqui é justamente a solução para os casos de pessoas “não desejadas”, que ainda não se tornaram plenamente humanas, tendo interrompido o processo evolutivo.

As pessoas que pararam nesse processo evolutivo são aquelas que apresentam religiosidade extrema, dificuldades graves em relacionamentos conjugais, problemas em lidar com o dinheiro e uma comunicação violenta, agressiva e que repele a conexão com o outro. Desenvolvem vícios, pensamentos negativos, emoções descontroladas e agressividade extrema. Muitas delas procuram a igreja, o bar ou os remédios buscando uma solução fácil; no entanto, a situação é muito complexa, e por isso estamos tentando explicá-la de forma simples neste livro.

O amor é um estado da alma humana — um elemento humano, mas também transcendental. Esse elemento unifica o indivíduo por inteiro, não apenas sustentando o corpo do bebê, mas nutrindo sua alma. A força desse amor permite que a criança compreenda o seu valor, de modo que poderá olhar para dentro de si e se entender como verdadeiramente humana. A experiência humana não se resume à vida no corpo; ela é também uma experiência espiritual. Essas almas foram geradas por Deus, oriundas da primeira alma humana criada em Adão, e advêm de uma dimensão de eternidade, do mundo infinito, da plenitude. Ao interagirem no útero materno, começam a formar o material inconsciente, que impactará futuramente a constituição do Ego desse indivíduo, especialmente o elemento id. A criança começa gradualmente a delinear a formação de seu inconsciente; por isso, tudo o que ocorre no ambiente e a energia das pessoas ao redor influenciam sua formação psíquica.

Como já expliquei em meus livros anteriores, Adão, ao cair, desfragmentou o seu recipiente; essa estrutura inconsciente é resultado desse estado de queda. Quando

unimos todas as nossas partes, conseguimos receber a luz do Criador e vencemos o oponente interno, formado pela baixa dimensão em que vivemos — como uma “força da gravidade” que nos empurra para baixo. O Ego disfuncional não é nosso inimigo, mas o resultado da interação de elementos desorganizados e fora de ordem. Nossa missão é nos organizarmos internamente, reestruturando o Ego por meio da assimilação de todos os nossos desejos e do refazimento da lei externa recebida, e isso é possível através de uma nova compreensão do amor. Quando Adão cai, vemos que ele se esconde de Deus; numa compreensão mais profunda, percebemos que ele se esconde de si mesmo, pois a centelha do Criador estava dentro dele. Isso significa que, quando operamos no inconsciente ou em um Ego disfuncional, estamos nos escondendo do nosso eu autêntico — da centelha divina dentro de nós. Vencer o oponente interno é se reestruturar internamente para refazer o Ego, nesse sentido, conseguimos aniquilar o instrumento de ataque do oponente interno. O oponente interno é uma criação de Deus que existia antes da queda humana, não vem destruir o homem, ao contrário, para fazê-lo crescer no jogo da vida, no entanto, agora temos que lidar com o oponente interno em um estado de fragmentação. A partir da nossa reestruturação interna conseguimos vence-lo, sendo que esta é feita diariamente e continuamente até o final das nossas vidas aqui na terra.

A culpa que sentimos está ligada a essa formação psíquica desestruturada. Quando o interdito é imposto por pais internamente desorganizados, cria-se na criança o registro inconsciente de que ela carrega algo errado, pois seus desejos são censurados. No entanto, devido ao estado de alma desses pais, acabam violando o sujeito, instaurando uma lei tirânica que fere o eu autêntico e cria uma separação extrema entre a lei externa e os desejos reprimidos. Nossos desejos devem ser reconhecidos, não moralizados. Todos nós sentimos desejo de matar, inveja, ódio, raiva — e tudo bem, pois isso faz parte do humano. A grande questão é que a criança, num primeiro momento, precisa receber a validação de seus desejos por meio de ser desejada; quando isso não ocorre e, além disso, é censurada, ela desenvolve incapacidade de processar a angústia da castração. Assim, evita olhar para dentro de si, e sua espiritualidade é afetada.

O que estou tentando ensinar, de maneira muito simples, é que o processo de desenvolvimento humano mencionado anteriormente é paralisado quando o indivíduo evita olhar para dentro de si, fugindo da angústia presente na alma — angústia resultante de um processo marcado pela falta de amor. Onde há amor, existe força para olhar para dentro. Como a centelha do Criador está dentro de nós, se não olharmos para onde está nossa verdadeira riqueza, perdemos a humanidade. Essa “angústia da castração” é um complexo de emoções, sentimentos e concepções inconscientes que fazem o indivíduo acreditar que possui algo errado ou que é o problema. Muitos relacionamentos são conflituosos porque muitos desejam inconscientemente ser um problema para seus parceiros, acreditando que realmente o são.

Essa formação interior doente gera a percepção de um Deus moralista, tirânico, mesquinho e emocional, pois está relacionada à imagem que temos de nossos pais, sobretudo da figura paterna. Quando não conseguimos processar a angústia da castração, permanecemos paralisados na segunda fase: não reconhecemos nossos limites e tememos a morte simbólica que o outro pode causar. A relação com o outro é prejudicada, sempre com expectativa de que ele ferirá ou, ao mesmo tempo, dará o amor que se necessita. É uma relação de dependência, beligerância, paixão e ódio.

Sua reatividade diante da negação do outro está ligada a uma luta pela sobrevivência e ao desejo de se mostrar desejável. Quando não consegue o desejo do outro, entra em colapso interno e explode emocionalmente. Por não reconhecer seus próprios desejos, também não compreende suas necessidades, esperando sempre que alguém venha acolhê-lo. Assim, não consegue se administrar internamente, não possui estabilidade psíquica e, portanto, não alcança um bom relacionamento consigo mesmo, o que compromete suas relações externas. Muitas vezes, deseja conquistas externas — bens, dinheiro, família —, mas não consegue sustentá-las de forma saudável porque guarda essa dor interna. A alma fica “hackeada”, impedindo-o de perceber que o que realmente precisa não é algo externo, mas interno. O alimento supremo da vida — da alma — é o amor.

Quando essas pessoas buscam a religião, esta surge com a promessa de torná-las ilimitadas, sob a proteção de Deus, como escolhidas e especiais, criando uma relação de barganha com o divino. Ao mesmo tempo, recebem uma castração por meio de uma lei moral rígida, imposta sem o reconhecimento de seus desejos, moralizando-os e desestruturando o indivíduo, que passa a viver em culpa. No sistema da religiosidade, o indivíduo é estimulado a sentir culpa, pois isso é interpretado como estar mais próximo de Deus. Quanto mais grave a situação psicossomática, mais esses indivíduos buscam religiões rígidas e opressoras, para validar a ideia de que “possuem um problema” ou “são o problema”. Muitos acabam sofrendo de psicose religiosa, tornando-se excessivamente preocupados com a opinião alheia, já que sua sobrevivência passa a depender disso. Como a moral religiosa é inatingível e a angústia interna não é processada, confirmam a crença de que possuem um problema, destruindo o eu autêntico e acumulando mágoas. Como ensina SadhGuru: "Se sua humanidade está morta, você precisa de muita moralidade. Se sua humanidade está viva e transbordando, você, naturalmente, fará o melhor para si e para todos ao seu redor."

A cura acontece quando validamos todos os nossos desejos. Devemos buscar terapia especializada, pois, por meio da fala, é possível simbolizá-los e nos reorganizar internamente — daí a importância da terapia psicanalítica. Os desejos não devem ser moralizados. Em um segundo momento, devemos refazer a lei paterna; ao compreendermos que o Criador é misericordioso, compassivo e abundante em amor, percebemos que nossos pais não entendiam isso porque não conseguiam olhar para dentro devido à angústia que carregavam. Quando entendemos que o amor humano é apenas a primeira etapa da constituição do ser, percebemos que o amor que os pais nos dão serve para que possamos olhar para dentro e reconhecer que somos seres espirituais, portadores da centelha do Criador. Assim, mesmo que não tenhamos recebido o amor humano, podemos oferecer esse amor a nós mesmos; ao olhar para dentro e enfrentar tudo o que ali está, passamos a nos entender como seres divinos e espirituais.

Quando Jesus esteve na Terra, deixou claro que o Reino de Deus pertencia às crianças, porque elas possuem espiritualidade verdadeira. Contudo, ele alertou que aqueles que fossem pedra de tropeço para elas seriam responsabilizados, pois não se deve matar o eu autêntico de uma criança. Ainda hoje vemos pais, cuidadores, igrejas e escolas atuando de modo castrador: a criança chega criativa à escola e termina a faculdade sem fazer perguntas. Os gritos dos pais, o rigor dos professores e a moralidade religiosa formam um conjunto capaz de destruir o eu autêntico. A criança precisa de validação emocional; muitas vezes chorará sem razão porque deseja

apenas acolhimento em amor. Ela terá surtos emocionais, pois seu sistema psíquico ainda está em formação, sem capacidade de separar o real do imaginário; por isso, o acolhimento dos pais é fundamental — e eles só podem dar aquilo que realmente possuem.

Um exemplo clássico de tragédia é o de Judas, que trai Jesus por dinheiro, é tragado pelo próprio Ego e, ao final, tira a própria vida. Deus desejava outro destino para Judas, assim como Pedro teve; no entanto, por não olhar para dentro, tornou-se vítima de si mesmo.

Assim, compreender essa questão, fazer terapia e meditar por muitas horas é fundamental para a cura interior. Muitos acreditam que irão se curar assistindo a uma palestra de uma hora, indo à igreja ou tomando um remédio, mas a cura vem quando olhamos firmemente para dentro, em busca do nosso eu autêntico. Quando isso ocorre, assumimos responsabilidade por nossas vidas, por nossos desejos e saímos do estado de culpa.

Como falei anteriormente, a culpa também bloqueia o chakra do corpo, formando uma frequência vibratória que repele a prosperidade e atrai pessoas de frequência semelhante. A figura abaixo ilustra essa situação:



Uma técnica de meditação muito eficiente para remover a culpa consiste em localizar mentalmente o chakra do corpo onde ela se encontra e repetir internamente as palavras “gratidão”, “perdão” e “cura”. Isso deve ser feito por pelo menos 1 hora ao dia. Além disso, outra técnica ensinada pelo professor Joe Dispenza consiste em concentrar toda a energia no chakra por meio de uma inspiração profunda, seguida do trancamento da respiração por 5 segundos, canalizando então toda a energia para o topo da cabeça, com o objetivo de drenar a energia retida. Recomendo a leitura dos livros do biomédico citado acima, a fim de aprender detalhadamente essas técnicas de meditação.

Quando nos curamos, passamos a nos perceber como solucionadores de problemas e não como problemas. Passamos a ver Deus em nosso cônjuge e, por isso, o respeitamos. Toda a visão da vida passa a ocorrer de dentro para fora. Essa angústia, como um misto de sentimentos e emoções, deve ser acolhida. Enquanto a lei tirânica externa não acolhia nossos desejos e emoções, agora nós devemos acolher tudo o que é nosso. A angústia é o resultado de uma estrutura egóica disfuncional, por isso devemos acolher tudo o que nos pertence. Não devemos tentar eliminar o ego; ao acolhê-lo e compreender sua formação, podemos construir uma nova estrutura interna da alma. Somente quando olhamos para dentro podemos perceber nossas emoções, sentimentos e desejos, a partir da nomeação e simbolização destes é que podemos acolher tudo aquilo que faz parte de nós.

Como não recebemos amor em quantidade suficiente de nossos pais, temos o amor de Deus, que é incondicional e pode nos fazer avançar para a fase na qual nos tornamos, de fato, humanos. Precisamos entender que nossos pais não podiam nos dar aquilo que eles mesmos não tinham. No entanto, agora somos protagonistas da nossa história: podemos honrá-los independentemente de qualquer coisa e reestruturar nossa vida a partir disso. A culpa é, portanto, o resultado de um sistema de existência “para fora”, de modo que quem está nesse estado costuma julgar excessivamente o mundo externo, sem assumir a responsabilidade por aquilo que faz. Somente quando passamos a desenvolver uma espiritualidade “para dentro” podemos nos encontrar com o Criador; assim, a culpa e o julgamento se dissipam e a alegria chega.

A minha história é marcada pela necessidade de realizar milhares de horas de meditação. Vim de um modelo religioso severo, no qual fui criado por meu avô (pastor) e por minha mãe, ambos com graves conflitos internos. Minha mãe morreu sentindo culpa, com um câncer já em estado de metástase. O universo lhe deu uma “oportunidade” para refazer o ego e promover uma mudança interior. Nesse sentido, quanto mais nos mantemos rígidos por dentro, sem uma transformação efetiva, mais situações difíceis surgem para nos confrontar e nos direcionar para o caminho interior. Quando olhamos profundamente para a nossa alma, podemos acolher tudo o que está ali e percebemos que, de fato, somos uma unidade com o Criador.

Nós, psicanalistas, percebemos que crianças do sexo masculino geralmente tendem a desenvolver uma espiritualidade mais orientada “para fora”, uma vez que, na prática, costumam receber menos acolhimento emocional por parte dos pais — muitos ainda dizem que “chorar não é coisa de homem”. Assim, ao não acolherem parte da vida emocional dos filhos, acabam gerando situações em que estes sofrem mais diante das adversidades da vida. Uma espiritualidade forte é aquela capaz de proporcionar ao indivíduo os recursos internos necessários para vencer os desafios que a vida apresenta. Nesse sentido, uma espiritualidade verdadeira promove um olhar profundo para dentro.

Aqueles que pertencem ao cristianismo e compreendem de fato os princípios básicos da espiritualidade têm maior capacidade de olhar para si mesmos, visto que o pagamento da pena na cruz por Jesus é capaz de nos libertar da culpa primária decorrente da queda no Éden. As lições de Jesus são profundamente voltadas à autoanálise, deixando claro que a espiritualidade verdadeira não é determinada pelo que ocorre fora, mas pela capacidade de permanecer estável diante das dificuldades. Ele mesmo ensina a oferecer a segunda face àqueles que nos ferem, deixando explícito um modelo de vida não reativo.

Quando eu ainda era jovem e pertencia ao modelo religioso, vivendo muitos conflitos internos, sempre tinha a ideia de que, por trás das dúvidas que me cercavam, havia uma resposta para todos os problemas da humanidade. De fato, eu estava certo, pois a religiosidade é uma resposta do ser humano para evitar lidar com a angústia interna. Foi através disso que descobri o processo de evolução humana, entendendo que aquelas pessoas ainda não haviam incorporado o amor e, por isso, buscavam uma solução externa para a desordem interior.

Semana 2: REMOVENDO BLOQUEIOS DO SUBCONSCIENTE

Utilização de Óleo essencial para ser colocado no Difusor: Canela.

Meditação com Áudio: Youtube – Canal Meditative Mind – 417 hz (estímulo do sentido da audição).

Meditação Visual: 10 minutos por dia focado visualmente nas letras hebraicas que representam o nome de Deus 17 (72 nomes de Deus) – estimulando o sentido da visão:



Prática: Coloque água no copo e diga próxima a ela a palavra “vida” e tome esta de olhos fechados, sentindo o sabor da água entrando pelo seu corpo. Estimulando o campo energético e o sentido do paladar.

Ensino Teórico:

Quando falamos do subconsciente, estamos nos referindo a algo que está abaixo do consciente, pelo que isto pode ser equivalente ao termo inconsciente, conforme ensinado pelo Doutor Michael Craig Miller. Sabemos que Freud inovou na compreensão das doenças em geral e dos transtornos mentais ao afirmar que um material inconsciente trazia repercussões sobre a saúde dos pacientes. Apesar disso, milhares de anos antes da sua descoberta, a Cabala ensinada por Abraão e outros antigos já ensinava sobre a presença de um oponente interno que se utiliza desse material inconsciente para atacar o ser humano. Quando olhamos para a história de Jacó percebemos que este, ao ser ameaçado de morte pelo irmão Esaú, vai para o deserto se isolar e entrar nas entranhas da sua alma e derrotar o medo da morte. Nesse sentido, ele percebe que o medo da morte não tinha a ver com a ameaça feita

pelo irmão, mas com um modelo interno instaurado que o impedia de perceber a totalidade da sua alma.

Todos nós temos basicamente dois elementos estruturantes que são formados a partir da nossa história de vida e moldados pela relação com o outro humano. O primeiro desses elementos é o desejo, pois somos naturalmente seres que possuem desejos; no entanto, precisamos de alguém que nos valide para que possamos reconhecer os nossos próprios desejos. O segundo elemento tem a ver com a lei advinda do interdito: todos os nossos pais e cuidadores tiveram que nos dizer, em algum momento, aquilo que não se podia fazer, ou seja, um “não” ao nosso comportamento. Nesse sentido, temos de um lado os desejos e, do outro, o interdito ou proibição oriunda do externo para esses desejos. Quando temos cuidadores que não nos desejaram — portanto, não cancelaram os nossos desejos — temos aí uma problemática, haja vista que iremos criar um curto-circuito interno, pelo que aquilo que é o elemento humano mais profundo não foi admitido. Além disso, muitos de nós recebemos um interdito ou uma proibição com violência, com tirania, já que esses mesmos cuidadores que não possuíam amor também não possuíam desejo; portanto, ao se depararem com as emoções, comportamentos e atitudes que julgavam “más” da criança, exerceram uma projeção do que guardavam em seus inconscientes, impondo uma lei disfuncional que viola o eu autêntico da criança, a qual a acompanhará na vida adulta, vilipendiando o eu autêntico sempre que este manifesta seus desejos.

Por isso observamos tanta agressividade, reatividade e violência nos relacionamentos: existe uma distância enorme entre o desejo e a lei imposta, e isto causa uma desestabilização interna, haja vista que o outro não cancelou o desejo e, ao mesmo tempo, impôs uma violação ao eu autêntico do indivíduo. Mesmo quando este vira adulto, carrega essa criança interior machucada, a qual sempre procura o amor no outro; ao não encontrar, torna-se violenta, porque o outro agora é visto como uma ameaça. As relações humanas passam a ser de dependência e ódio.

Não temos como prosperar diante de um inconsciente marcado pela má relação com o outro. A prosperidade envolve uma vida em coletividade, pelo que, ao produzir algo de valor ao outro, podemos contribuir para o crescimento do projeto de vida em sociedade. A grande questão é que alguém que está no Ego disfuncional possui um problema que relaciona os desejos e o interdito. Quanto maior a distância entre esses elementos, maior o Ego, maior o desamparo e maior o sentimento de onipotência. Essa pessoa não consegue entender que a vida é um projeto coletivo; ela só vive para a sua sobrevivência, não se importando em prejudicar o outro. Por isso, muitos pais criam os seus filhos não para serem uma contribuição ao mundo, mas simplesmente por egoísmo: para não ficarem sós, para buscarem uma complementação. Nesse sentido, não podem dar o desejo e ainda esperam ser desejados. Caso esses pais não passem por um processo de transformação interior, ainda que tenham destruído a vida dos seus filhos, ao final ainda terão a capacidade de dizer que se arrependeram de ter filhos.

Quando olhamos a massificação de técnicas na sociedade, tal qual a CNV (Comunicação Não Violenta), percebemos que o ser humano deseja, a todo momento, não resolver de fato aquilo que precisa ser resolvido. A CNV ensina para um casal que eles devem usar as expressões “estou sentindo que você tem uma necessidade...”, ou seja, uma técnica para que o outro possa dizer ao seu cônjuge aquilo que este não consegue entender de si mesmo. Se um indivíduo não consegue perceber as suas

próprias necessidades, outro tem que dizer a ele que ele tem uma necessidade. No entanto, sabemos que alguém que não reconhece os seus próprios desejos também não consegue captar as suas próprias necessidades. Alguém que não se reconhece como desejante e não identifica as suas necessidades nem sequer ainda é um ser humano constituído; por isso, não deveria estar se relacionando intimamente com nenhum outro indivíduo. Certo é que tal técnica é muito importante para lidar com marginais, terroristas e criminosos; no entanto, a paz só pode ser de fato alcançada através de uma mudança interior.

Nesse sentido, o indivíduo, ao olhar para dentro de si, terá que assimilar todos os seus desejos e, não somente isto, deverá aprender a bancar o risco e a responsabilidade por eles. Ao introjetar o amor, ele poderá perceber que os desejos são uma parte fundamental do ser, pelo que, mesmo quando negados, estes aparecem em sonhos. Nesse sentido, os desejos fazem parte da nossa estrutura como humanos. Só podemos nos arriscar quando assumimos os nossos desejos; afinal de contas, a vida é um contrato de risco. Isso só é possível quando mudamos a lei ditatorial para uma lei ética, pois agora somos nós mesmos que temos que criar essa nova lei. Pelo que sairemos de uma posição de julgamento interno para uma escuta ativa; de uma posição acusatória para uma posição de acolhimento; de uma posição de apontamento de falhas para a celebração de acertos.

O que estou tentando ensinar, de maneira muito simples, é que, para que possamos remover os bloqueios do nosso inconsciente, temos que trabalhar nessas duas áreas: desejos e interditos. São os fundamentos que sustentam a nossa construção de vida. E, caso os fundamentos estejam mal estruturados, toda a nossa vida também estará desestruturada. Muitos continuam querendo uma mudança no exterior, no entanto, não querem olhar para dentro e alterar os fundamentos, porque isto é doloroso. Como já explicamos, ao olhar para dentro temos que lidar com a “angústia da castração”. Para não lidar com isto, muitos procuraram a religiosidade, buscando validá-la, sentindo culpa e criando filhos desestruturados. Caso o nosso inconsciente esteja marcado pela religiosidade, precisamos também lidar com isto, pois a religiosidade prega o não reconhecimento dos desejos e impõe uma lei castratória moral que destrói o eu autêntico.

A luz do Criador só pode entrar em um recipiente que foi ajustado, pelo que a presença do Ego disfuncional ou de uma distância grande entre o desejo e o interdito, ou a presença de uma angústia não processada, faz com que o indivíduo não possa receber essa luz. Nesse sentido, o Ego forma uma parte de escuridão onde a luz não pode penetrar. Se a luz não vem, não há compartilhamento, somente o desejo de recebimento. Só podemos compartilhar quando criamos um ajuste interno, pois o Criador tem a natureza do compartilhamento, assim como nós temos que ter. Enquanto desejarmos receber egoisticamente, a luz não virá. Não podemos ter o desejo de compartilhar se estamos mal com o outro ser humano, se guardamos mágoa ou bloqueio. Só aqueles que entendem que têm o direito de merecimento podem receber a luz. Enquanto existe autodepreciação e desrespeito a si mesmo, a luz não pode entrar.

Observemos que a nossa sociedade acabou fomentando a destruição do eu autêntico através de modelos familiares rígidos e opressores, estruturas religiosas disfuncionais e julgadoras, sistemas educacionais que aniquilam a autoestima; pelo que tudo isto culmina em doenças emocionais, de alma e do corpo físico. Enquanto os médicos

buscam dar remédios para curar o corpo físico, a manutenção de uma massa inconsciente na alma continua perpetuando a destruição do ser humano de dentro para fora. Os humanos querem casar, fazer sexo, ter dinheiro para seus prazeres; no entanto, enquanto não resolverem aquilo que está dentro, nada disto será sustentável. Enquanto os médicos tentam curar o corpo físico, muitos desses ainda têm a alma doente, tal como o ditado: “Médico, cura a ti mesmo”. Enquanto líderes religiosos e médicos da alma tentam ensinar algo que cure os fiéis, continuam doentes sem saber onde está a solução para o problema. Enquanto os professores tentam ensinar o caminho da vida aos alunos, lecionam aquilo que não deu certo para muitos deles, pois também estão doentes e se tornam implacáveis com os seus aprendizes.

Diante de um inconsciente marcado por uma complexidade não resolvível de maneira simples, as pessoas buscaram soluções simples para um problema complexo. No entanto, a vida é apresentada de maneira simples, mas ela é complexa. O amor permite que o indivíduo viva a simplicidade da vida entendendo a complexidade que está por detrás das situações corriqueiras da vida. Quando não há amor, tudo é resumido à simplicidade, a respostas simples, tal qual: “eu sou um problema”. Quantas pessoas nós conhecemos que foram destruídas pelos vícios, pela loucura, por relacionamentos tóxicos, por atitudes de reatividade — todas elas ligadas a uma estrutura inconsciente que as dominava, haja vista que elas não detinham o conhecimento necessário para dominá-la.

O oponente interno já existia antes da queda humana, sendo um resultado da baixa dimensão de energia na qual se encontra o ser humano. Nesse sentido, por ser esse um ser espiritual e vir a um mundo material, acaba sendo colocado diante desse desafio criado por Deus, não para destruir, mas para fazê-lo crescer no jogo da vida. Nesse sentido, a própria presença do oponente interno é fazer com que o ser humano transcenda o tempo todo, entendendo que o limite (interdito) colocado pelo Criador é para o seu bem, para que ele entenda que não deve viver pelos sentidos humanos, mas reconhecer o seu limite, o limite aos seus desejos, e, a partir daí, buscar a luz do Criador, que é de fato o que pode preencher e saciar os desejos da alma. O oponente interno trabalhou na estratégia de incutir no ser humano a necessidade do “desejo de merecimento”, haja vista que este recebia a luz de maneira gratuita e abundante, sendo esse o único desejo impossível para uma criatura. A primeira estratégia do oponente interno tem a ver com os desejos humanos.

A grande questão é que o homem, ao cair, acabou desfragmentando o seu recipiente; com isto, o oponente interno agora trabalha com esse material inconsciente. Nesse sentido, vencer o oponente interno é exatamente conseguir entender a sua ferramenta principal de atuação, que é a relação com os desejos, assim como também a relação destes com o inconsciente humano. Diferente de Adão, que recebeu o interdito de um ser perfeito e em unidade, nós recebemos o interdito de pais que, muitas das vezes, ainda não se uniram, que ainda estão divididos internamente.

Cada ser humano vem à Terra com uma história familiar; isto marca o seu inconsciente, pelo que produz desafios únicos e singulares. No entanto, percebemos que cada ser humano é responsável pelo seu destino, ainda que esteja na inconsciência, pelo que deixa marcas que impactam tanto na sua vida como na de seus filhos. Mesmo que o indivíduo caminhe sem perceber que está caminhando, ainda assim deixou marcas e pegadas na areia. Muitos, após anos guardando mágoas, geram doenças e, após isto, perguntam: “Por que isto está acontecendo?”. Não

conseguem assumir a responsabilidade pelas suas escolhas. Quando uma pessoa está na inconsciência, ela percebe o mundo como ela está por dentro. Muitos religiosos propagam que o mundo está destruído, em caos e desordem; no entanto, isto simboliza o que está dentro do coração deles. O mundo foi criado por Deus, possui uma ordem, assim como o Cosmos possui ordem. A grande questão é que o ser humano, ao não reconhecer a ordem, estando em desordem interna, criou caos para suas próprias vidas, pelo que a natureza reage à quebra da ordem.

Quando um ser humano possui uma estrutura psicossomática desestruturada, significa que ele está fora da ordem estabelecida pelo Criador, porque este estabeleceu uma Ordem. Quando este estabeleceu uma ordem, foi para que houvesse um alinhamento com Ele, não para que apenas houvesse um cumprimento de sua ordem, mas para que tudo estivesse em conexão e comunhão com Ele. Diferentemente das plantas, da natureza e dos animais, que estão em conexão com o Criador, nós, humanos, temos a capacidade de ter comunhão com o Criador. O ser humano fora feito como coroa da criação, pelo que Deus colocou a Sua centelha dentro de cada um de nós; dessa maneira, possuímos algo que fora gerado pelo Criador, e isto significa que ela pertence à eternidade. Ao criar um filho estando desestruturado por dentro, a criança tenderá a manter uma estrutura interior desequilibrada, haja vista a relação prejudicada com o desejo e com o interdito. Nesse sentido, estando inconsciente, o indivíduo não apenas está fora da ordem do Criador, sem comunhão com Ele, mas contra a Sua ordem, contra o Seu projeto de humanidade, criando filhos que espelham a vontade de perpetuar a desordem no mundo. Portanto, o estado de inconsciência é uma posição de inimizade frente ao Criador.

Somente quando uma alma está em ordem interiormente, ela pode de fato entender qual é o seu propósito. Não encontramos o nosso propósito no externo, mas dentro de nós mesmos. O nosso propósito é um papel predeterminado pelo criador para que possamos contribuir para o seu projeto de eternidade na humanidade. Nesse sentido, quando sabemos o nosso propósito não estamos preocupados com o retorno financeiro, com a vendagem dos nossos livros, com o status, mas apenas estamos dentro do papel designado para nós no mundo, haja vista que sabemos que cumprimos uma missão específica diante do nosso limite. Quanto mais em desordem interna, o ser humano que alcançar o mundo, e quando se envolve com a religiosidade deseja “ganhar o mundo”, no entanto, por dentro, está perdido e desorientado da fonte da luz. Quando o homem domina a sua alma, pode dizer como Abraão: Eis me aqui Senhor! Nesse sentido, para sabermos o nosso propósito não basta termos nascido fisicamente, precisamos nascer novamente para dentro, ao encontro da nossa alma e do nosso espírito, conforme ensinou Jesus Cristo. E quando isto ocorre, podemos de fato comemorar a oportunidade que recebemos de fazer parte do projeto de eternidade.

O ego disfuncional é tão traiçoeiro, que diante do desamparo a si mesmo, ganha uma onipotência, como se todo o mundo girasse em torno de si. Nesse sentido, é muito costumeiro que dentro de religiões extremistas as pessoas falem em nome de Deus, pelo que muitos desses colocam o fazer algo para Deus acima do estar de fato conectado com Deus. Jesus mesmo alertou que estes dirão naquele dia: Nós profetizamos em teu nome. Ou seja, usam o nome de Deus, além disto, acham que estão fazendo algo para Deus como “barganha”. A religiosidade acaba servindo de meio para que o indivíduo se desaproprie de si mesmo.

Uma coisa é reconhecermos a centelha do criador dentro de nós e nos conectarmos a ela, nos tornando uma unidade com o criador. Outra coisa é querermos tomar o lugar do criador e acharmos que somos o próprio Deus. Nós somos seres criados por Deus, somos seres distintos, pessoas diferentes, no entanto, através do amor podemos entrar em unidade com Deus, para isto, devemos nos ajustar internamente e refazermos o nosso Ego.

Somente é possível sustentar situações grandes “externas” quando estamos estáveis interiormente. Um casamento parece algo simples, mas para sustentar a relação é necessário uma complexidade, a qual demanda trabalho e esforço interno. A mulher é dada ao homem como uma oponente, para que este cresça no jogo da vida, para isto, deve se voltar cada vez mais para dentro de si. No entanto, quando ambos estão desalinhados, ela se torna uma opositora destrutiva e não construtiva, pelo que ambos entram em inimizade. Nesse sentido, quando Deus disse sobre a inimizade sobre o casal estava se referindo a um estado natural produzido por estes ao caírem de dimensão, nesse sentido, quando vivem uma vida com o “olhar para fora” se tornam inimigos. Quando olhamos a questão do trabalho, percebemos que Deus o concedeu como resposta a situação criada por Adão, mas não como uma maldição. Pelo que a partir de agora, na relação do trabalho será possível ao homem entender a importância do ajuste interno para lidar com outros seres humanos e assim levar a luz do criador ao mundo.

O bloqueio do nosso inconsciente é derivado de uma situação que envolve os dois mencionados, pelo que acabam determinando a nossa relação com o outro, inclusive com Deus. Retirar esse bloqueio é se permitir olhar para dentro com profundidade e reestruturar a nossa condição interna. Somente quando entendemos que somos um projeto de eternidade podemos de fato vivermos uma vida com o foco para dentro. Todo o sistema da terra é construído para que o homem entenda o que de fato importa, tanto que tudo possui a finalidade de correção para a alma humana. Quando mudamos interiormente também alteramos o universo, haja vista que somos parte do universo! Quando entendemos que a ordem é real no universo, o que de fato precisamos é colocar a ordem dentro de nós, dessa forma paramos de criar resistência a vida.

Quando Abraão manda buscar uma esposa para seu filho Isaque, ele coloca como requisito que ela fosse de boa família e que possuísse o desejo de compartilhar. Para além das aparências, ele colocou como critério algo relacionado a alma, sabia que o que de fato importa é o imaterial. A falar da boa família estava ciente da importância da estruturação do sistema psíquico para a constituição de uma verdadeira espiritualidade. Para aqueles que não tiveram uma boa família haverá dificuldades, no entanto, é possível com muito custo e trabalho interno haver uma mudança, tal qual o meu caso após anos de dedicação.

Adão ao cair de dimensão acabou conhecendo um mundo de dualidade, tal qual o nome da árvore “do bem e do mal”, o mal agora é resultado e manifestação da separação de Deus. Deus não criou o mal, no entanto, ao se separar dele o mal é gerado. A sua convivência com Eva foi prejudicada, pois há via agora como alguém separado dele, que competia com ele. Assim como foi com a relação com Deus, haja vista que o via também como um ser separado, a ponto de achar que poderia ser esconder deste. No entanto, ao voltarmos para a nossa casa primeira, podemos voltar ao mundo de unidade, somente neste mundo é possível haver comunhão entre os homens. Quando Deus diz a Caim para dominar o mal está se referindo a este estado

de integração, vejamos bem que ele não diz para eliminar o mal. A escuridão do inconsciente agora assimilado pode receber a luz do eterno e ser parte da totalidade humana. Quando estamos fragmentados e distantes do nosso eu autêntico até a nossa relação com as nossas emoções é afetada. A emoção, por exemplo, da raiva faz parte de nós, no entanto, quando estamos desapropriados esta passa para um caráter destrutivo, indicando de maneira disfarçada “eu tenho algo” e “eu sou alguém e me responsabilizo”, nesse sentido a sua manifestação destrutiva aparece para se defender inconscientemente de um ataque externo, no entanto, caso estivesse apropriado de si mesmo, usaria esta de maneira construtiva, pois de fato está se responsabilizando por si mesmo e os desejos. Podemos resolver a questão dos desejos nos posicionando frente a eles, os identificando e os nomeando, os desejos apenas precisam ser reconhecidos.

Quando nos organizamos internamente retirando os bloqueios do inconsciente podemos prosperar, haja vista que a nossa riqueza agora está dentro de nós. Quando Jesus disse que seria difícil um rico entrar no reino de Deus ele está dizendo sobre aqueles que tem a sua riqueza no material e no externo, haja vista que de fato é impossível alguém que se tornou apegado ao externo alcançar o reino de Deus que é imaterial. Quando a nossa riqueza está dentro de nós e ela é o reino de Deus não temos a ambição de sermos ricos, apenas somos impelidos a dar o nosso melhor em prol da sociedade e do outro, nesse sentido, o dinheiro vem apenas como consequência de uma entrega efetiva a sociedade. Uma família e um casamento podem ser uma bênção e fonte de muita alegria, desde que sejam erigidos com o reino de Deus dentro de nós como prioridade, pelo que assim poderá haver respeito e cumplicidade entre as pessoas, haja vista que estas sabem o valor que elas possuem, porque reconhecem que a centelha do criador está dentro delas. O desapego é sinal de maturidade, pelo que vem acompanhado de responsabilidade. Quando ambos possuem o reino de Deus desejam compartilhar a luz e sabem que não há recebimento um do outro, portanto, não há carência afetiva.

As duas estruturas afetadas (desejo e interdito) apontam para uma crença inconsciente de que se “é um problema” ou que se tem “algo errado”, no entanto, a alma humana é perfeita, ela é a essência do criador dentro de nós. Tudo o que Deus faz é perfeito. Inclusive quando a Bíblia fala de buscar a perfeição está justamente se referindo a um esforço para reconhecer que a alma é perfeita, haja vista que desde a queda humana o ser humano passou a se preocupar com a opinião alheia, com a busca do amor externo, no entanto, ao reconhecermos a essência do criador dentro de nós podemos ter acesso a uma fonte infinita de misericórdia, compaixão e amor.

Um dos pilares da prosperidade é honrar pai e mãe, no entanto, quando mantemos essa estrutura disfuncional dentro de nós, isto se torna impossível, pois é incompatível entre si. Ao desmontarmos a estrutura dentro de nós e construirmos uma nova estrutura, esse bloqueio sai, agora podemos de fato honrar os nossos antepassados. Todos os problemas que possuímos tem haver com o fato de termos recebido um interdito de pais desfragmentados, que também receberam uma estrutura disfuncional sem corrigi-la antes de terem filhos. É da nossa responsabilidade corrigir esta estrutura de alma.

Muitos acham erroneamente que o povo hebreu quando estava no Egito era tratado como escravo, por ao contrário, possuíam salários e tinham alguns direitos relacionados a dignidade como pessoa humana. Isso tanto é uma verdade que Moisés

ao ver o egípcio espancar um hebreu ele se indignou. Dessa forma, a escravidão deles era silenciosa, porque a maior escravidão é aquela que o indivíduo não sabe que o é. Da mesma maneira, nos dias atuais as pessoas têm sido escravas, mas elas não sabem, e isto é que é tenebroso, haja vista que apesar de terem salários e empregos, mas as suas almas estão presas, cativas e prisioneiras de um destino cruel. Enquanto não entendermos o que se passa dentro de nossas almas, não conseguiremos lidar com o “monstro” que habita em nós, pelo que nos tornamos presas de nós mesmos. O desejo de Deus era libertar o povo hebreu por dentro, para que eles vivessem na terra prometida que mana leite e mel, o que representa um estado de alma aonde existe o desejo de compartilhar e a paz interior.

O ego não é só um problema espiritual, mas social. A sociedade padece diante do ego disfuncional das pessoas, pelo que estas perdem capacidade produtividade e criatividade, ao mesmo tempo, a ruptura dos relacionamentos trás prejuízos aos filhos, aos quais passam a se tornarem sem capacidade para darem continuidade ao projeto de construção de uma sociedade próspera. Da mesma maneira, o número de viciados, drogados, marginais e criminosos é aumentado em detrimento da desestruturação familiar. O nosso maior câncer na sociedade é exatamente essa estrutura disfuncional que impede que muitos se casem, gerem filhos e formem famílias saudáveis. Quantas moças bonitas atualmente existem e não conseguem atrair um bom marido e nem gerar filhos porque estão destruídas por dentro. Quantos homens não conseguem ser produtivos e gerarem renda e manterem um psíquico equilibrado para sustentar uma família. Quantas pessoas tiveram sua sexualidade afetada pela presença dessa estrutura e tomaram caminhos opostos a sexualidade natural.

Uma das maiores provas da presença do inconsciente humano é o uso de roupas pelas pessoas. Elas sentem vergonha ao estarem nuas, e a roupa vem justamente cobrir algo da alma humana: o sentimento de vergonha. Nesse sentido, a roupa é utilizada como tentativa de “colocar ordem externa” diante da desordem interna. Quanto maior o Ego, maior a obsessão por usar roupas “longas e compridas”, numa tentativa de minimizar o impacto da vergonha em relação a si mesmas e de se apresentarem ao outro como alguém de pudor e alta moral.

Uma das maiores armas e ferramentas do Ego é a moral, pois ela se relaciona à opinião do outro sobre quem realmente se é. Nesse sentido, muitos interpretam erroneamente as palavras de Jesus, levando-as para um viés moralista, quando ele, na verdade, não pregava sobre isso. Quando, por exemplo, ele questiona uma mulher sobre onde estava o seu marido, ele estava tentando ensiná-la que aquele não era o seu marido — embora ela já tivesse se casado cinco vezes — e que tampouco o primeiro havia sido seu verdadeiro marido. Por estar desconectada do seu eu autêntico, ela jamais teria a capacidade de se casar de fato, pois o casamento envolve comunhão, e isso significa união de almas, algo possível apenas entre pessoas que dissolveram o ego disfuncional. Jesus não estava dando uma lição de moral; ele estava ensinando sobre a necessidade de uma espiritualidade verdadeira. A maior vergonha daquela mulher não se manifestava apenas no fato de evitar o convívio social buscando água por um caminho escondido, mas na sua distância de si mesma e do seu eu autêntico.

O ego disfuncional odeia a ideia da morte, porque ela traduz uma sensação de perda de controle. Por isso, também não gosta do silêncio, da escuridão e da sensação aparente de abandono. Assim, ele faz de tudo para evitar olhar para dentro. Muitos se

casam para tentar suprir a própria falta; no entanto, ao se relacionarem, o Ego se manifesta, e acabam sofrendo amargamente. Não satisfeitos, muitos ainda têm filhos, reproduzindo relações ruins com eles, pois não resolveram aquilo que realmente precisava ser resolvido.

Hoje, muitos dizem no automático da religiosidade: “Jesus é a verdade!” É muito fácil falar isso, mas difícil viver. A verdade não está na superfície dos sentidos humanos, da materialidade ou da exterioridade, mas na profundidade — e esta só pode ser acessada por aqueles que adentram a escuridão da alma e ali vencem o medo da morte, oferecendo amparo a si mesmos, até se tornarem uma unidade e, de fato, viverem a verdade.

Aqueles que transmitem uma estrutura disfuncional aos filhos não apenas prejudicam a sociedade, mas se colocam contra Deus. Entram em relacionamentos apenas para obter prazer, sem compromisso com o todo, com a sociedade e com o projeto divino. Nesse sentido, precisamos primeiro corrigir aquilo que está dentro de nós, para então nos relacionarmos de forma saudável e servirmos à sociedade e ao próximo.

Por muitos anos eu negava que possuía algo relacionado ao inconsciente em mim, vivia uma vida de muita moralidade em razão de uma história familiar extremamente ruim. Depois de quase cinco anos estudando e fazendo meditações ainda sentia inadequações em minha alma, pelo que, determinados sentimentos inominados e desconfortos sem razão, no entanto, fui descobrindo que eu ainda operava em um mundo de dualidade, pelo que somente atingindo a dimensão da consciência eu conseguiria entrar para o mundo da integração. Quando operamos na dualidade toda vez que o nosso inconsciente manifesta algo passamos a cair na ideia de que de fato tem algo errado conosco, sendo isto como uma espécie de ingenuidade. Todos nós temos um inconsciente, pelo que aquele que possuem amor são capazes de abraçá-lo e dizer que isto faz parte deles e está tudo bem, não é por essa razão que são pessoas más ou ruins, ao contrário, sabem bem que ao unirem todas as suas partes conseguem reconhecer a perfeição de suas almas. O nosso inconsciente foi formado por ideias e concepções que em um primeiro momento serviram de defesa, no entanto, na medida em que olhamos para dentro e percebemos o amor incondicional que se encontra em nosso eu autêntico passamos a poder nos amar de maneira integrada, pelo que saímos do conflito desejos x necessidades para uma noção de seguir a vontade maior ou direcionada para aquilo que faz parte do projeto divino para a humanidade tal qual Jesus falou para Pedro: Quando tú se tornares velho não farás mais a tua vontade, mas a vontade de Deus. Não há nada mal dentro de nós, só existe mal quando não integramos tudo que está dentro de nós. Quando moralizamos o nosso inconsciente passamos a não integrá-lo e isto nos torna de fato para o lado do mal, porque estamos desintegrados, fora de ordem e, portanto, inacessíveis à luz do criador. Nesse sentido, devemos não moralizar, desfazer aquilo que nos foi ensinado erroneamente pelos nossos cuidadores e integrar todas as nossas partes que são a composição daquilo que somos: um projeto perfeito.

Muitos religiosos ensinam que o mal não sai, outros ensinam que ao acender a luz a escuridão sai, no entanto, dentro do ser humano não existe nada mal, apenas ao não se integrar é que surge o mal. Quando nos integramos percebemos que o bloqueio saiu, que o nosso eu autêntico é maravilhoso, que é merecedor de tudo aquilo de bom que o criador nos reservou. Quando nos integramos, sai o conflito entre o Eu Ideal X Eu Real, pelo que também saímos da posição de inimizade contra Deus, pelo que

percebemos que ele nos fez de maneira perfeita. Além disto, não damos mais importância à opinião de outras pessoas sobre nós ou sobre o nosso comportamento. A base de conflito de duas pessoas operantes no Ego é sempre em relação a própria pessoa com tom pejorativo, a base de discussão de duas pessoas no eu autêntico é em relação ao comportamento de ambas, na primeira situação todo conflito passa a ser prejudicial e deletério à autoestima de ambos, na segunda, no ajuste do comportamento a relação se solidifica diante de discussões.

Diante do bloqueio da assimilação do inconsciente muitos interpretaram de maneira errada os textos bíblicos, situações estas que causam problemas nos relacionamentos consigo e com o outro. Uma destas coisas se refere à ideia de obrigar o homem a ser o provedor financeiro da mulher, algo não ensinado pela Bíblia, haja vista que Deus é o provedor do homem no entanto não paga as dívidas e nem deposita salário na conta deste. A provisão se refere a algo imaterial, relacionado ao amor e à luz. Quando a Bíblia também diz sobre a presença de Jesus diante de duas ou três pessoas que se reúnem em seu nome não está se referindo apenas às pessoas que falam da boca para fora sobre “Jesus”, mas pessoas que se uniram no tempo, porque estão em estado de consciência e conseguiram entrar em comunhão, nesse sentido, elas evocam a presença de Deus, pois se uniram a um propósito ligado ao Reino de Deus e à sua vontade. Não conseguimos compreender as escrituras se não nos corrigirmos por dentro e assimilarmos aquilo que é nosso.

Semana 3:

Amor Incondicional

Frequência 528HZ – Nome de Deus 12

Utilização de Óleo essencial para ser colocado no Difusor: Anis Estrelado.

Meditação com Áudio: Youtube – Canal Meditative Mind – 528 hz (estímulo do sentido da audição).

Meditação Visual: 10 minutos por dia focado visualmente nas letras hebraicas que representam o nome de Deus 12 (72 nomes de Deus) – estimulando o sentido da visão:



Prática: Coloque água no copo e diga próxima a ela a palavra “amor” e tome esta de olhos fechados, sentindo o sabor da água entrando pelo seu corpo. Estimulando o campo energético e o sentido do paladar.

Ensino Teórico:

O amor só existe em sua forma incondicional. Quando as pessoas insistem em tentar amar estando desintegradas por dentro, acabam oferecendo um amor condicional que acreditam ser amor, mas que, na verdade, não é. Esse amor condicional leva em conta os próprios interesses, pois diante de uma atitude ou de uma palavra ele simplesmente não se sustenta, rompendo-se e trazendo à tona aquilo que de fato precisaria ter sido visto. O amor condicional é aquele vivido entre pessoas que negam o que está no inconsciente, que insistem em rejeitar aquilo que lhes é próprio; assim, por estarem partidas e fragmentadas, só podem oferecer algo igualmente incompleto e parcial.

Aqueles que se unificaram internamente podem oferecer um amor incondicional, o que pode ser exemplificado pela vida de Jesus. Ele era inteiro por dentro e, mesmo diante das blasfêmias e maldades praticadas contra si, era capaz de perdoar e permanecer em plena consciência. O amor incondicional é capaz de doar sem esperar receber, pois não é carente; não vê o outro como fonte para suprir seu vazio, mas transborda de dentro, mantendo o desejo de compartilhar. Assim como a luz do Criador tem a natureza de compartilhar, o amor incondicional mantém essa natureza divina; por isso, duas pessoas que se amam incondicionalmente apenas pensam em como compartilhar luz entre si, sem esperar nada em troca. Um casamento baseado nesse amor é alegre e próspero, sendo uma verdadeira dádiva — e não algo pesado, como muitas vezes se diz no meio religioso.

O amor incondicional produz algo que vai além da soma das partes: produz comunhão, algo semelhante ao que vive a Trindade Divina, com uma só vontade, desejo e propósito. Nesse sentido, ele gera uma fé verdadeira e sólida, que nasce desse solo e compreende o que é valioso e autêntico na relação com o divino. É sobre esse amor que o apóstolo Paulo escreveu em Coríntios: um amor que não é reativo, não se ira, não busca seus próprios interesses, mas é paciente, acolhedor e misericordioso. Esse amor firma alianças para a eternidade, capaz de superar qualquer obstáculo e orientado por algo maior do que a simples sobrevivência.

Quando possuímos esse amor, nossa alma se regozija, pois ele é o verdadeiro alimento de que necessita. Esse amor une o céu à terra e, com ele, podemos compreender nosso propósito. Propósito não é apenas o que fazemos como trabalho ou expressão de talentos, mas a consciência de que estamos aqui para algo além da sobrevivência; expressamos esse propósito em nossas relações — na família, no trabalho e na vida. Esse amor verdadeiro nos permite reconhecer nossa dimensão divina, entendendo que, embora vivamos uma experiência terrena, não nos desligamos de nossa identidade espiritual e eterna.

A centelha do Criador que habita em nós só conhece o amor incondicional, pois essa é sua natureza, sua luz e sua energia. Deus demonstra que seu amor é realmente incondicional ao não desistir de nós. Mesmo após a queda no Jardim do Éden, ele já havia projetado um plano de eternidade, enviando seu Filho unigênito para entregar sua vida por todos nós. Seu compromisso conosco é imenso; ainda que muitas vezes

nos afastemos de seu projeto, Ele insiste em permanecer conosco porque nos ama incondicionalmente.

Quando pessoas desintegradas buscam a religião, passam a pregar sobre um amor que não é verdadeiramente incondicional, porque ainda não tiveram a experiência de conhecer esse amor real. Assim, tudo se reduz a uma noção de perfeição comportamental, de não errar e seguir à risca mandamentos; contudo, a verdadeira fé comporta erros e falhas, pois o que importa é um estado de alma — e não apenas comportamentos morais.

O amor incondicional é atributo daqueles que reconheceram a perfeição de suas almas, que não precisam provar seu valor a ninguém, pois sabem que o valor é intrínseco, não conquistado. O simples fato de sermos humanos já torna possível nos amarmos incondicionalmente, pois fomos criados por um Ser que ama apenas dessa forma. Ele não nos ama pelo que fazemos ou deixamos de fazer, mas pelo que existe dentro de nós.

O amor verdadeiro produz uma frequência vibratória capaz de trazer paz e tranquilidade a um ambiente. Desde cedo, os bebês sentem essa energia na forma de vibração, percebendo o valor que possuem e introjetando o amor. Esse amor permitirá à criança reconhecer também seus limites, compreendendo que não pode tudo, que nunca saberá tudo — e que está tudo bem. Assim, entenderá a importância de respeitar os limites colocados pelo Criador, fazendo isso por meio do seu livre-arbítrio. O livre-arbítrio só existe naqueles que se integram e possuem esse amor incondicional; nesse sentido, o amor produz uma titularidade dos próprios desejos, de modo que o indivíduo pode escolher e sopesar o que ele mesmo deseja. Assim, ele deixará de fazer algo por medo do julgamento alheio ou por temer punição divina, passando a agir por livre escolha, buscando alinhamento com o divino e transcendência.

O amor é ilimitado e, portanto, pode suprir os desejos infinitos da nossa alma, tornando-nos completos e satisfeitos por termos tudo. Quando alcançamos esse estado, reconhecemos nossas limitações no mundo da forma, dos sentidos e do material. Caso não conheçamos esse amor, permaneceremos presos à busca externa de satisfação, sempre insaciável e geradora de estados de falta e carência. Quando Jacó se encontra com Esaú, observamos que o primeiro diz ter tudo, enquanto o segundo diz ter muito; assim, a promessa do patriarca Isaque estava relacionada a essa benção: ter tudo — o amor incondicional —, que é a capacidade de vencer o oponente interno e reestruturar o ego.

Esse verdadeiro amor faz transbordar o cálice; é o nosso eu autêntico, que se apresenta sem medo, não como um efeito, mas como a causa. Quando amamos incondicionalmente, assumimos a responsabilidade pelo nosso eu, sustentamos nossas escolhas e desejos, e podemos, enfim, manter uma vida interior pacífica e independente. Como já dissemos, vivemos em um tempo em que as pessoas se sustentam financeiramente, mas ainda não se sustentam psiquicamente. Permanecem presas à dependência de receber amor dos pais e, por terem recebido algo “insuficiente”, não alcançaram o alimento capaz de trazer a alma ao campo da delimitação psíquica e da independência em relação ao outro.

Assim, o amor incondicional tem um efeito integrador e harmonizador. Ele é capaz de reunir todas as nossas partes e manter a harmonia interna, pois acolhe tudo aquilo que

é nosso. O amor sustenta nossa psique e o funcionamento interno humano, dando base para assumir responsabilidades no nível externo.

Ao chegarmos ao mundo, viemos de uma dimensão de amor incondicional; contudo, muitos de nós percebemos pais desestruturados, lutando pela própria sobrevivência e acreditando que o mundo estava em caos. Ainda assim, por mais que a vida nos permita nascer e crescer nesses lares, nunca esquecemos totalmente a dimensão da qual viemos. Por isso, nossa alma clama pelo verdadeiro alimento supremo da vida: o amor. Quando falta amor, o ser humano não reconhece seu valor, sujeita-se a situações humilhantes e degradantes, entra em relacionamentos tóxicos e perde sua capacidade de ser criativo, grato e em paz consigo mesmo.

Em muitos sistemas religiosos, educacionais e de trabalho, o nível de tratamento tornou-se degradante. Quanto mais baixo o nível de autoconhecimento, mais o ser humano se fere e deseja transferir suas feridas ao outro. A falta de amor produz medo, luta pela sobrevivência, mágoas e culpas, trazendo dores que destroem a alma. Assim, o sofrimento na terra é apenas o início de uma eternidade de sofrimento, pois onde falta amor, Deus não está.

O amor produz em nós compaixão e empatia. Nesse sentido, podemos nos colocar no lugar do outro, especialmente no lugar dos nossos pais e cuidadores, compreendendo que eles não podiam dar o que não tinham. Esse amor incondicional, que agora passamos a conhecer, nos concede misericórdia em relação aos erros deles, dissociando comportamento de pessoa e entendendo que, muitas vezes, agiam na inconsciência, sem noção do rastro que deixavam. No início do processo de transformação, olhamos para nossos cuidadores com certa raiva, ao percebermos que o discurso que nos transmitiram não solucionou nossos problemas. Quando desmontamos a estrutura dominante, entramos em ação para reorganizar nossa psique. Quanto mais nos aprofundamos em nossa alma, mais enxergamos céus negros e trevosos diante da angústia; enquanto estávamos na inconsciência, achávamos que os céus eram claros. Agora que mergulhamos para dentro, tudo se escureceu. Os céus só se mostrarão limpos quando encontrarmos, de fato, a verdade dentro de nós.

Nossa cura se dá pelo amor. Precisamos refazer as ideias, crenças e concepções que carregamos desde a infância, pois crescemos fisicamente, mas nosso psiquismo ainda carrega a infância mal resolvida. Entender que podemos questionar a estrutura que nos foi passada é essencial, pois essa estrutura funciona como uma “verdade absoluta” que resiste até que a vida nos leve a queixas e desespero. Quando nos encontramos com nosso eu autêntico, encontramos o amor incondicional e mudamos nossa postura frente aos desejos. Como dizia Alejandro Jodorowsky: “A primeira coisa que se cura em um doente é a sua infância.” A cura não é esquecer o que passou, mas desmontar o que insiste. Por meio da autoanálise e da análise terapêutica, o indivíduo pode parar de viver sob o roteiro instituído pela sua psique.

Por isso, é tão importante buscar terapia com psicanalistas e psicólogos realmente capacitados para oferecer profundidade na análise. Infelizmente, no Brasil, muitos profissionais não conseguem oferecer um atendimento de qualidade; por isso, é necessário procurar centros de excelência, alguém que realmente possa escutar ativamente. Em minha história pessoal, tive muitos dissabores ao procurar terapia, pois a maioria dos profissionais era de nível muito baixo: não sabiam ouvir e, ao contrário, falavam mais do que eu, sempre com tom de julgamento e senso comum. Precisei buscar centros de excelência e, ainda assim, foi difícil; tive que complementar com estudos e autoanálise profunda para entender o que realmente acontecia dentro de

mim. Geralmente, uma boa análise leva anos, e uma verdadeira análise só começa quando o paciente se implica na própria queixa, como ensina o Dr. Jorge Forbes. Um leão criado entre ovelhas desenvolverá a crença de que é ovelha; contudo, sua essência nunca deixará de ser leão, ainda que reprima sua força. Um rei criado entre escravos pode viver como escravo por muitos anos, mas, quando olhar para dentro de si, perceberá a grandeza da sua alma.

É fundamental que pessoas que não tiveram amparo e amor na infância tirem longos períodos para cuidar de si mesmas. Em vez de buscarem relacionamentos, é muito mais útil dedicarem alguns anos ao próprio tratamento, olhando para as profundezas de suas almas. Ninguém pode ajudar alguém nessa jornada; é um trabalho individual, um mergulho interno. Todos os grandes personagens da Bíblia fizeram isso: iam para o deserto e lá permaneciam, olhando para suas almas.

Por muitos anos vivi sem amor; não fui desejado e, por isso, fazia de tudo externamente para ser desejado. Títulos, livros e prêmios não puderam me trazer esse sentimento. Busquei pessoas em relacionamentos em que eu as tratava maravilhosamente bem, mas recebia rejeição e dor, porque, no fundo, eu buscava ser desejado. Quando me encontrei comigo mesmo, abri meus olhos para perceber o que realmente acontecia. Por viver sem amor, passei por muitos dissabores e perseguições por parte de pessoas pelas quais eu nem sabia o porquê. Deus não me poupou das consequências de um modelo de vida que se perpetuava por gerações. Todo o sistema de vida na terra é construído para que o ser humano compreenda que é responsável pela construção da sua história, independentemente de sua condição familiar. O próprio Deus se manifestou de maneira proativa, com entrega efetiva; assim, cabe a nós a responsabilidade pelo processo de transformação interior. Da mesma forma que Deus não criou as situações que vivi, vindo eu de um lar desestruturado, agora cabia a mim não só assumir minha história, mas dar sentido a ela. Encontrei sentido ao transformar tudo o que vivi em ferramentas para ajudar pessoas a superarem seus obstáculos. Nesse ponto, ao dar sentido à minha história, alinhei-me ao que o Criador já havia determinado antes do meu nascimento, assim como disse sobre Saulo: “Este é para mim um vaso escolhido para anunciar a mensagem aos gentios!”

Diante de tanto desamparo, os seres humanos constroem sistemas de espiritualidade para aliviar a angústia interior: alguns dialogam com mortos, outros acreditam estar no centro do mundo e que Deus os protege de tudo, outros creem que retornarão em outra vida, outros acham que são o próprio Deus, outros erguem altares de barro e argila para se sentirem protegidos pelos sentidos. Tudo isso acontece diante da falta de amor. Precisamos compreender que, quando nos ordenamos interiormente, tornamo-nos seres capazes de entrar em comunhão com o Criador; isso não significa fusão, mas unidade pelo espírito, preservando nossa individualidade.

Muitos desejam receber gratuitamente terapias, livros e conhecimento, mas, na verdade, querem ser cuidados. Esses processos exigem esforço e investimento para que o indivíduo entenda que deve cuidar de si mesmo. Cuidar-se é o caminho da cura. Em países desenvolvidos, nenhum serviço é oferecido gratuitamente; nem mesmo um estacionamento. Em países subdesenvolvidos, busca-se sempre aquilo que é gratuito, mas quanto maior a consciência, maior o nível de desenvolvimento de uma nação.

Após estudar Cabala em grandes centros de ensino, percebi que eles ensinavam que o oponente interno era o Ego. Contudo, isso era aflitivo, pois o Ego é parte de nossa estrutura, o que causava conflitos internos. Compreendi, então, que o oponente interno se utiliza do Ego, que pode ser funcional ou disfuncional. Se formado pela negação dos

desejos e por interditos tirânicos, será disfuncional; se derivado de uma reestruturação saudável, será funcional e parte integrante do que somos. Não há nada de errado dentro de nós; tudo foi feito de forma perfeita. Apenas precisamos compreender isso.

Quando não há amor, as pessoas restringem Deus a um espaço físico. Muitos vão à igreja buscando Deus, mas certamente não o encontrarão ali. Os que têm amor entendem que Deus está dentro de nós e que é encontrado pela via do tempo, e não do espaço. Deus está em toda parte; é onipresente. Assim, não pode ser limitado a um local físico. Uma das maiores declarações bíblicas é feita por Jacó ao dizer: “Deus está aqui, e eu não sabia!” Quando estamos sem amor, sentimos solidão e não percebemos a presença de Deus conosco. Por isso, muitos não conseguem ficar sozinhos consigo mesmos. O caminho do amor não é de solidão, mas quem não consegue estar bem com a própria presença não conseguirá viver em família; e, caso consiga, será algo pesado e sem vida.

A Bíblia traz várias promessas para aqueles que realmente têm amor: ver os filhos dos filhos, comer do fruto do próprio trabalho, ver a paz sobre a nação. Porém, tudo isso só se sustenta pelo amor interior. Se não houver amor, tudo se tornará insustentável; a família se converte em peso e fardo difícil de suportar. A vida em comunidade é delineada por Deus através de Jesus, como o estabelecimento de uma igreja — um corpo místico. Contudo, isso só é possível por meio de um estado de alma integrado à vontade de Deus. Uma igreja não é uma mera instituição jurídica com membros que pagam dízimos e salários, mas um corpo invisível, ligado pelo elo do amor. A própria Bíblia alerta que, nos últimos dias, o amor de muitos se esfriará; isso deriva de uma desestruturação interna, de uma incapacidade de processar a angústia, de resolver conflitos internos. Tornam-se violentos, agressivos, iracundos, fechados à verdade, inclinados a fábulas e narrativas, abandonando a mensagem do amor.

SEMANA 4.

FORTALECENDO AS RELAÇÕES FAMILIARES E ENTRE AMIGOS.

Utilização de Óleo essencial para ser colocado no Difusor: Laranja Doce

Meditação com Áudio: Youtube – Canal Meditative Mind – 639 hz (estímulo do sentido da audição).

Meditação Visual: 10 minutos por dia focado visualmente nas letras hebraicas que representam o nome de Deus 48 (72 nomes de Deus) – estimulando o sentido da visão:

מִיָּה

Prática: Coloque água no copo e diga próxima a ela a palavra “união” e tome esta de olhos fechados, sentindo o sabor da água entrando pelo seu corpo. Estimulando o campo energético e o sentido do paladar.

Ensino Teórico:

A prosperidade é algo imaterial; consiste numa disciplina interna da alma, capaz de dominar a si própria, estabelecer restrições e manter coerência com os princípios que sustentam a união com o outro. Não conseguimos prosperar quando, dentro de nós, mantemos uma estrutura que ainda guarda mágoas em relação aos nossos parentes. É interessante notar que as pessoas de quem mais guardamos mágoas são justamente nossos primeiros cuidadores. A própria psicanálise explora essa relação de amor e ódio presente entre pais e filhos.

Essa relação prejudicada com os pais muitas vezes se prolonga no tempo, de modo que crescemos e nos desenvolvemos fisicamente, mas nossa alma permanece como uma criança faminta de amor, que ainda não se responsabiliza pela construção da própria história, colocando culpa nos cuidadores e perdendo a oportunidade de prosperar. Por muitos anos tentei honrar meus pais, porém sem uma transformação efetiva interior. Algo se tornou inútil, sem alterações na realidade, pois gerou situações conflitantes que me atormentavam inclusive em meus sonhos.

Uma das coisas que mais nos impulsiona a ter uma relação difícil com nossos cuidadores tem a ver com o “superego”. Essa estrutura que carregamos interiormente muitas vezes nos pressiona, julga e vilipendia enquanto “eu autêntico”. Assim, por termos internalizado o tratamento que recebemos dos nossos pais — muitas vezes marcado por rigor, gritos e cobranças — acaba se estruturando algo inconsciente que nos acompanha até mesmo após a morte deles. Nessa perspectiva, precisamos compreender que nossos pais também foram filhos um dia e receberam uma estrutura que não lhes permitiu oferecer-nos uma condição melhor em termos de trato. Só podemos dar aquilo que temos. Portanto, ou recebemos amor, ou teremos de lutar com unhas e dentes para encontrá-lo dentro de nós, a fim de transmiti-lo aos nossos filhos. Quando conquistamos esse amor, através de um profundo olhar para dentro, podemos refazer as estruturas que nos formaram, substituindo a voz cruel e ditatorial por uma voz de aconselhamento e orientação. Isso nos permite olhar para nossos pais de maneira diferente, com mais amor e empatia.

Se guardarmos rancor de apenas uma pessoa, iremos nos contaminar e não conseguiremos prosperar. O outro, seja quem for, representa o nosso próximo. Assim, em nossa vida em sociedade — por meio das relações de trabalho e família — torna-se fundamental assumir responsabilidade por tudo o que está dentro de nós. Se nossa estrutura interna está marcada pelo desejo de ser desejado pelo outro, ou se vemos o outro como uma ameaça, torna-se impossível prosperar. A prosperidade é fruto de uma interação sustentada por uma visão do coletivo, pelo entendimento de que a vida em

comunidade é algo criado por Deus, e de que o nosso papel é construir uma sociedade mais digna, justa e próspera.

Por mais que tentemos nos isolar, a vida é uma soma de energias, e estamos unidos a centenas de pessoas que nos antecederam. A maioria de nós só tem relatos da terceira ou quarta geração anterior, pois, diante da falta de uma visão do todo e de um trabalho coletivo, não sabemos nem mesmo o nome de nossos parentes mais remotos. Quando o amor se esfria, a união se desfaz; perdemos esse olhar sobre o todo, e a família deixa de ser o presente que deveríamos oferecer ao mundo. Infelizmente, muitos pais deixam filhos que trarão problemas à sociedade, colocando-se num projeto contrário ao de Deus. Quando nos integramos internamente, retornamos à nossa primeira casa no Éden, e ali entendemos que todos somos uma só alma. Todas as almas do mundo derivam de Adão; somos uma única família.

Quando nos integramos e entramos na consciência, entendemos que devemos orar pela paz no mundo, pois o outro — seja onde estiver — possui uma ligação conosco, e seu sofrimento também é o nosso. Jesus falou sobre isso ao afirmar que aqueles que visitam um preso (injustamente preso) ou que ajudam os famintos, fazem isso a Ele, pois todos somos uma unidade. Ao sairmos do mundo da polaridade, compreendemos que somos todos um só: fragmentos da alma humana. Cada um de nós se encontra em diferentes estágios de desenvolvimento espiritual; alguns estão mais avançados e já entenderam que a verdadeira espiritualidade é voltada “para dentro”, outros ainda estão tentando compreender isso, e outros nem sequer se deram conta. Contudo, precisamos estar cientes de que devemos conviver em sociedade, e que a união só é possível quando perdoamos e amamos até mesmo nossos inimigos. Não posso honrar meus pais se não os amo. O amor está ligado ao próximo, seja o que este tenha feito contra ou a favor de nós. O amor nasce de forma unidirecional, emanando do nosso eu autêntico para o outro. Como dissemos, o amor não tem condições, limites ou fronteiras.

Uma das coisas que me motivou a escrever o livro é exatamente transmitir ao outro aquilo que encontrei e que me fez nascer novamente. Nunca tive a intenção de ganhar dinheiro, até porque tudo o que menciono aqui se relaciona a questões imateriais. Milhares de anos após a vinda do Messias, poucos conseguiram compreender e propagar de fato a verdade, mesmo estando abastecidos de recursos em grandes instituições. Isso acontece porque a verdade só pode ser encontrada onde existe entrega sem desejo de retorno. Os livros do Novo Testamento foram escritos por pessoas que não receberam royalties ou lucros por seus escritos, mas foram elaborados com muito amor ao próximo, porque havia amor a si próprios.

Quando observamos o corpo humano percebemos que as células estão todas unidas em torno de um propósito em comum, pelo que uma sabe o que a outra está fazendo, por isto, existe uma coordenação eficiente para a resolução dos problemas. Essa união não é simplesmente fazer a sua parte direito, mas entender que se faz parte de um projeto coletivo para a construção de um todo ordenado e coeso. Nesse sentido, em nossa sociedade muitas vezes nos deparamos com comportamentos e atitudes que

mostram que as pessoas – diante da falta de amor – se esquecem que estamos aqui para um projeto coletivo de construir uma sociedade. Nesse sentido, a mudança espiritual é necessária para que cada um entenda que faz parte de algo coletivo, nesse sentido, a transformação feita por cada indivíduo produz um efeito sobre o todo.

Uma grande parte das pessoas procura um sistema espiritual que resolva as suas questões externas, por isto, se dedicam por um tempo, no entanto, percebem que isso não resolve, muitos até procuram a Cabala, no entanto, depois de muitos anos de processo percebem que a verdadeira mensagem espiritual é a de que você é o responsável pela construção do seu destino, nesse sentido, não há uma relação de troca, devemos servir a Deus pelo que ele é e não pelo que ele faz. A mudança interna nos remete a ideia de que precisamos nos desenvolver para entregar algo melhor ao outro, gerando mais resultado e efetividade, pelo que isso nos proporcionará também receber algo mais relevante como resultante da nossa entrega. Se não nos esforçarmos iremos comer o “pão da vergonha”, haja vista que um dia Adão desejou merecer a luz, nesse sentido, agora temos que fazer por onde, buscarmos o desenvolvimento do nosso recipiente interno para que possamos receber a luz do Criador.

A crença religiosa tende a levar o indivíduo ao fatalismo, a achar que a sua história já está escrita, que o autor é Deus e ele é apenas um ator, no entanto, isso leva a uma concepção de vitimização. Quando entendemos que cada indivíduo pode construir o seu destino e a sua história, pelo que independentemente do ambiente na qual fora criado, tem condições de assumir a gestão de si mesmo e refazer o seu destino, nesse sentido, alterar a visão de mundo “egoísta” para o de fazer parte de um projeto coletivo.

SEMANA 5. DESPERTANDO A INTUIÇÃO.

Utilização de Óleo essencial para ser colocado no Difusor: Capim-Limão.

Meditação com Áudio: Youtube – Canal Meditative Mind – 852 hz (estímulo do sentido da audição).

Meditação Visual: 10 minutos por dia focado visualmente nas letras hebraicas que representam o nome de Deus 57 (72 nomes de Deus) – estimulando o sentido da visão:



Prática: Coloque água no copo e diga próxima a ela a palavra “escutando a sua alma” e tome esta de olhos fechados, sentindo o sabor da água entrando pelo seu corpo. Estimulando o campo energético e o sentido do paladar.

Ensino Teórico:

Quando nos voltamos para dentro de nossas almas, podemos nos conectar ao nosso eu autêntico. Ali já temos a resposta para tudo o que precisamos. Ao olharmos para dentro, conseguimos saber a direção para onde ir, com quem devemos nos relacionar, qual caminho seguir e quais ações tomar. Assim, retiramos a dependência do externo. Muitos perguntam a outras pessoas: “Qual é o meu propósito? Em que você acha que sou útil?”

Muitos adeptos da religiosidade são peritos em buscar alguém que fale “algo da parte de Deus”, porque estão desconectados de si mesmos. Não conseguem discernir o caminho a seguir, muito menos se responsabilizam por suas próprias decisões. Por isso, esperam ouvir que “Deus falou” para que não precisem assumir a responsabilidade por suas escolhas. O ego disfuncional é perito em usar o nome de Deus, falar em nome de Deus e iludir o indivíduo, fazendo-o acreditar que é especial ou protegido por um ser maior. No entanto, quando estamos verdadeiramente conectados conosco, somos capazes de sustentar nossas decisões, assumir riscos e até comemorar nossos erros como oportunidades de aprendizado. Já vi muitos casos de pessoas que tinham a capacidade de perceber a energia da outra pessoa emanada pelos pensamentos ou inconsciente e saírem afirmando para a outra pessoa que Deus estava falando para ela fazer algo ou deixar de fazer algo.

Quando o ego é desfeito e refeito, passamos a ter intuição sobre para onde ir. Isso funciona como um norte orientador da parte de Deus, pois a centelha do Criador em nós é uma bússola. Por isso, tudo o que precisamos está dentro de nós: o reino de Deus está dentro de nós; e o que fazemos fora é apenas uma expressão daquilo que já está gravado internamente.

Após a queda, o ser humano passa a viver um conflito: foi colocado para criar sua própria realidade, mas o ego ainda deseja receber tudo sem esforço. Esse ego faz o indivíduo acreditar que Deus irá compensá-lo pelo amor que não recebeu dos pais — como se Deus fosse “quebrar um galho”, colocá-lo no pódio ou no palco. Essa visão, porém, é contrária à realidade. Ao se colocar como vítima, a pessoa atrai situações cada vez mais desagradáveis, comendo o “pão da vergonha”.

A mudança não vem pelo grito ou por palavras bonitas, mas por um olhar profundo para dentro. Isso exige disciplina e força para romper as entranhas da alma. Não podemos ser plenos sem reconhecer todos os nossos desejos. Nossa intuição não funciona quando ignoramos esses desejos.

Um dos desejos mais profundos é o desejo de ser respeitado. Por não nos conhecermos o suficiente, esperamos que o outro nos respeite; e, quando somos desrespeitados externamente, entramos em reatividade e pânico. Não há como estar

conectado consigo mesmo sem se respeitar e se acolher integralmente. Quem precisa nos respeitar, antes de tudo, somos nós mesmos. Se não reconhecemos esse desejo, seguimos caminhos errados guiados pelo ego, buscando respeito externo e abandonando nosso eu autêntico. Isso nos leva a áreas e conexões equivocadas, distanciando-nos do nosso verdadeiro destino. Este não é passivo, mas ativo: exige esforço para compreender o caminho a percorrer. A religiosidade tradicional ensinou passividade, perda da autogestão, falta de responsabilidade e culpa. Nosso destino é definido individualmente: quem se responsabiliza o faz ativamente; quem é movido pelo ego o faz de modo passivo. Ao final da vida, independentemente do que se acredita, cada um constrói a própria realidade, e quem vive inconsciente deixa um rastro de impacto sobre seus descendentes.

O amor nos leva à integração interna, à responsabilização por nossas escolhas e à conexão conosco, que nos permite ser orientados sobre a direção a seguir. Muitos desconectados internamente oram pedindo orientação, mas essa orientação surgiria se se voltassem para dentro de suas almas.

Eu fui um bebê que nasceu em um contexto de conflitos familiares graves. Precisei calar o choro e me desassociar do próprio corpo para sobreviver ao impacto emocional que não conseguia processar. O tempo passou, e a vida não aliviou para mim. Cada vez que permanecia “fora do corpo”, os problemas se repetiam e os dramas se perpetuavam. Assim, passei a valorizar excessivamente a opinião dos outros, calando minha voz interior. Esse estado dividido me levava a tomar decisões erradas e a implorar pelo amor alheio. Quando finalmente percebi essa realidade, mudei o rumo e comecei a olhar para dentro de mim com mais cuidado e carinho. O conflito interno deu lugar à paz, permitindo-me suportar desafios externos maiores.

Deus sempre está no controle; porém, nós nem sempre estamos. Muitas vezes estamos em desordem interna, incapazes de reconhecer o controle de Deus sobre tudo. Só podemos compartilhar quando temos algo a compartilhar. Provisão significa “fornecimento”: tudo o que precisamos só o Criador pode dar. Consequentemente, só podemos oferecer ao outro aquilo que o Criador nos concedeu — e Ele sempre dá a todos a oportunidade de receber. O problema é que não sabemos receber e, por isso, ficamos sem ter e sem poder compartilhar. Muitos tentam ajudar estando vazios, curar estando feridos; mas nossa responsabilidade começa pela nossa própria vida. Cabe a nós saber como receber a luz do Criador; sem isso, não construiremos uma realidade satisfatória e produtiva.

Essa responsabilidade não deve vir de uma autocobrança punitiva, como faz o superego, mas de um alinhamento com o eu autêntico, como uma expressão pura de amor e entrega voluntária. Como já ensinei, até quando erramos está “tudo bem”, porque podemos aprender e tirar lições úteis. O amor “pega leve”: tudo é feito com responsabilidade, mas sem a pressão que massacra o eu autêntico. Estamos aqui numa jornada de aprendizado e crescimento. O Criador não exige perfeição — já somos perfeitos —, mas é preciso esforço e trabalho para reconhecer isso.

papel como construtores da própria realidade, ordenando-nos internamente por esforço. Assim, ao reconhecermos a ordem do cosmos, percebemos que devemos empregar esforço para construir nossa realidade externa. Saímos da posição de culpar o governo, a família, a igreja e a sociedade. Entendemos que somos protagonistas da construção de nossas vidas, de nossas famílias e da nossa sociedade. Quando o livro dos Salmos afirma que será abençoada a família daquele que teme a Deus e que haverá paz sobre sua nação, está dizendo que, quando o amor está dentro de nós e enraizado, tudo pode florescer para fora.

Reconhecer que somos criadores da realidade desafia a lógica do desamparo, pois exige admitir que ninguém pode nos ajudar, que ninguém pode mudar nossa realidade e que estamos à mercê de nossas escolhas. É preciso amor e amparo pessoal para sustentar a psique. Caso contrário, acreditaremos que Deus criará por nós a nossa realidade, sustentando um discurso ilusório de que “Deus está no controle”. Uma coisa é estarmos verdadeiramente ordenados por dentro e reconhecermos a ordem de Deus; outra coisa é afirmar que existe um controle divino enquanto nós mesmos estamos em descontrole interno.

Quando o indivíduo se perde de si mesmo, acha que Deus precisa fornecer externamente tudo o que ele necessita; no entanto, Deus fornece ao ser humano tudo o que ele precisa pelo lado interno, o lado da alma. A partir desse suprimento interno, o ser humano pode construir sua realidade no lado externo.

Quem decide com quem se casar somos nós! Ainda assim, muitos se casam e depois dizem que aquele não era o par ideal, embora tenham sido eles mesmos que escolheram errado. Muitos estão em empresas e reclamam de seus empregos, mas foram eles que os escolheram. Muitos reclamam dos próprios filhos, mas foram eles que os criaram. Onde estamos nos posicionando na construção da realidade?

Da mesma forma que alguém nega uma parte de si (o lado inconsciente), também nega a construção de sua própria realidade. Assim, não consegue se conectar consigo mesmo, não tem direção, não tem orientação. Um casal nessa situação diz o que quer, ofende o outro e destrói suas emoções, anulando sua criatividade. Só apontam os aspectos negativos um do outro, não somam forças e, ao contrário, acabam tendo menos força do que uma única pessoa. Nesse sentido, começam a achar que o casamento é assim mesmo — algo difícil e pesado. No entanto, outras pessoas vivem bons casamentos, conduzindo-os de maneira leve e sem fardo.

Um casal só dá certo quando ambos estão conectados à própria intuição, podendo assim ajudar um ao outro. A mulher, quando conectada ao eu autêntico, possui uma percepção muito aguçada, oferecendo orientações importantes para as decisões do casal. Porém, quando há ego, aquilo que parece ser a voz de Deus é, na verdade, um caminho errado que terminará em tragédia. Um casamento só é verdadeiro quando há propósito, e isso só existe quando ambos estão conectados ao eu autêntico, tornando-se assim uma força maior que a soma das partes, direcionada a levar luz ao mundo.

SEMANA 6. REMOVENDO AS TOXINAS DO CORPO.

Utilização de Óleo essencial para ser colocado no Difusor: Cardamomo.

Meditação com Áudio: Youtube – Canal Meditative Mind – 741 hz (estímulo do sentido da audição).

Meditação Visual: 10 minutos por dia focado visualmente nas letras hebraicas que representam o nome de Deus 5 (72 nomes de Deus) – estimulando o sentido da visão:



Prática: Coloque água no copo e diga próxima a ela a palavra “cura” e tome esta de olhos fechados, sentindo o sabor da água entrando pelo seu corpo. Estimulando o campo energético e o sentido do paladar.

Ensino Teórico:

Dados oriundos do sistema médico revelam que 60% a 80% das doenças no mundo têm algum grau de origem ou participação de questões da alma (entendida como interioridade emocional profunda).

À medida que o ser humano se desintegra internamente, fere seu eu autêntico e se torna seu próprio algoz. Nesse sentido, a desintegração da alma prejudica também a relação entre alma e corpo, de modo que o corpo entra em colapso, produzindo hormônios de sobrevivência diante do estresse e da pressão emocional. Quando falamos das emoções, estamos falando da alma; assim, quando nossa alma está desintegrada, nossas emoções também ficam fora de controle, agindo contra nós. Esse fenômeno se intensifica na medida em que o corpo sofre, por muitos anos, um ataque hormonal, passando a agir como um “cérebro autônomo”, de modo que seus centros de energia ficam contaminados, determinando os pensamentos do cérebro. Assim, o indivíduo não consegue controlar seus pensamentos, que sempre surgem com um viés negativo, produzindo cada vez mais destruição no corpo.

Eu pessoalmente vivi essa situação diante do câncer em estado de metástase da minha mãe. Ela enfrentou situações difíceis na infância, culminando na necessidade de negar seu eu autêntico, afirmando diversas vezes que não sentia ser ela mesma. Seu corpo coçava insistentemente, e ela acreditava que algum remédio prescrito por um médico poderia aliviar as coceiras. Essa situação era acompanhada de queda de

cabelo, busca por religiões severas e uso de roupas “diferenciadas”. Ou seja, mesmo em desordem interna, buscava usar roupas “religiosas” para transmitir às pessoas uma aparente “ordem” ou para chancelar uma ideia de superioridade moral. Nesse cenário, já doente, muitos falavam em nome de Deus no hospital, dizendo que ela seria curada. Ela veio a falecer após três meses com a doença.

Precisamos entender que muitas doenças fazem parte do nosso processo, pois acabamos evocando-as a partir de nossos comportamentos internos. Nesse sentido, retirar a doença sem resolver o processo seria ilógico, já que a doença surgiu para que um processo fosse realizado. Todavia, da mesma forma que criamos doenças, também podemos criar um estado de saúde. A partir da meditação podemos restaurar nosso corpo, e, com novos pensamentos saudáveis, regulação hormonal e equilíbrio interno, a saúde se torna o resultado natural.

Infelizmente, muitas pessoas só procuram ajuda espiritual e correção quando já estão doentes, e muitas vezes isso ocorre tarde demais — ainda que sempre valha tentar. A inconsciência é como alguém que dorme durante um filme no cinema e, ao ser acordado no final, desespera-se por ter perdido o filme. Assim, muitos somente se assustam diante da iminência da morte, após uma vida inteira agindo contra si mesmos com hábitos destrutivos: fumo, ausência de atividades físicas, falta de lazer, má alimentação e moralidade religiosa.

A vibração energética pode curar, assim como pode adoecer. Por isso, se desejamos cura, precisamos nos afastar das pessoas com as quais estivemos caminhando durante todo esse tempo e, além disso, alterar nossa maneira de ver a vida. Muitos acham que estar só é algo problemático; no entanto, a única maneira de se curar é experimentar um período de isolamento. Por mais contraditório que pareça, o isolamento permite ao indivíduo olhar para dentro de si e ministrar o amparo que não teve na infância. Assim, a cura física é uma resposta da cura da alma.

Da mesma forma que o corpo adoeceu porque a alma estava doente, também o corpo pode ser curado se a alma se curar. No processo que vivi com minha mãe percebi que o baixo nível de compreensão espiritual dela a levou a acreditar que sua doença tinha um pano de fundo espiritual — mas sua percepção de espiritualidade estava ligada a questões morais, a espíritos malignos ou a punição probatória. De fato, havia uma questão espiritual por trás, mas não relacionada a esse tipo de crença infantil. Espiritualidade e saúde consistem na interação entre alma e corpo; assim, a doença não é o problema, mas a evidência de que algo interno está em desordem. Diante de uma espiritualidade fraca, o indivíduo passa a acreditar que é um problema ou que carrega algo de errado, quando, na verdade, trata-se apenas de um modelo de vida equivocado que precisa ser corrigido.

Assim como uma árvore é sustentada pelas raízes — e só pode produzir frutos se elas forem profundas — o ser humano também é uma estrutura composta de uma parte invisível e outra visível, sendo que a parte invisível regula sua relação consigo mesmo e impacta sua relação com o outro. Muitos são iludidos pelo Ego ao desejar resultados

sem uma transformação interior, o que não é sustentável. Ao buscar conquistar situações externas como família, bens e dinheiro sem possuir uma raiz firme, acabam ainda mais destruídos, perdendo dignidade e respeito próprio. Antes de darmos amor a alguém, precisamos ter amor por nós mesmos, dedicando tempo para ouvir nossa alma e nosso clamor interno. Infelizmente, o Ego disfuncional engana o indivíduo, levando-o a acreditar que seu problema será resolvido externamente e, assim, ele usa pessoas para tentar obter delas o amor que não encontrou dentro de si.

Diante da doença, o Ego se depara com o medo da morte, retornando ao estágio da “castração” na infância, quando imaginação e realidade se misturam, fazendo o indivíduo reagir da mesma forma que reagiu na infância. Quanto menos amor alguém recebeu na infância, assim tenderá a se posicionar diante da morte, já que o Ego disfuncional não aceita abrir mão do controle nem mesmo nesse momento. Muitas vezes haverá negação, rendição ou antecipação diante da iminência da morte — estados que revelam exatamente o que alimentou a doença: não abrir mão do controle e não reconhecer a ordem de Deus no mundo e no universo.

Nem todas as doenças têm origem na alma; todos nós, em algum momento, enfrentaremos problemas de saúde ou sofreremos um acidente que levará ao fim da vida, pois esse é o curso natural. A grande questão é que uma vida longa e saudável é desejo de todos nós, e precisamos nos posicionar para permitir que isso se torne realidade. Por isso cuidamos do corpo: ele é o veículo de expressão da nossa alma. Todos nós temos uma mensagem para levar ao mundo, mas, se o corpo estiver doente, não poderemos cumprir nossa missão.

A nossa cura começa dentro da alma, após isto tudo é possível. O milagre externo dependerá de um milagre interno!



Este livro foi impresso sob demanda, sem estoques. A tecnologia POD (Print on Demand) utiliza os recursos naturais de forma racional e inteligente, contribuindo para a preservação da natureza.

“Eu sou a luz do mundo” (Jesus Cristo)